

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE OUTUBRO DE 1846.

N. 43

A IGREJA DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO.

Fundada a primitiva cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro entre o Pão de Assucar, e o morro em que se edificou a fortaleza de S. João, teve principio o primeiro templo fluminense, que Estacio de Sá dedicára ao Santo Martyr, de quem esta cidade recebe glorioso titulo. Era o templo construido de pão a pique, e coberto de palha, que Salvador Correa de Sá substituiu na época da segunda fundação da cidade huma legoa distante da primeira, erigindo no alto monte de S. Januario, hum dos cabeços do castello, outra igreja mais decente, e de grossa taipa, a fim de se subministrar com as oblações do culto o pasto espiritual dos sacramentos aos habitantes, cuja affluencia de dia em dia se tornava mais intensa progredindo com o grande numero de catechúmenos.

Ausentara-se porém o fundador, por haver terminado o seu primeiro governo em 1572; e por este motivo suspenderão-se as obras da igreja ate ao anno de 1578 em que o dito fundador regressou ao seu segundo governo; e desde es-

ta época até ao anno de 1583 foi concluida a sobredita igreja cuja memoria se acha perpetuada na inscripção funeraria do mesmo Estacio de Sá, sepultado na capella de villa velha (1.ª fundação do Rio de Janeiro); sendo ao depois trasladados seus ossos para a nova igreja de S. Sebastião; e na lapida do seu monumento sepulchral exarou-se o seguinte epitaphio — Aqui jaz Estacio de Sá primeiro capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou fazer Salvador Correa de Sá, seu primo, segundo capitão e governador, com as suas armas: e essa capella acabou no anno de 1583.

Arruinado o templo pela mudança, que houve da corporação capitular nelle estabelecida; pelo desamparo quasi total do povo que habitava este bairro; e muito mais por se não consignarem réditos para a sua reparação; ia a extinguir-se se o conde de Rezende D. Jose de Castro 5.º vice-rei do estado, não reformasse o interior do edificio por seu zelo, e avultadas esmolas do povo, augmentando lhe

outras obras e apresentando-o com sufficiente decencia.

A igreja matriz de S. Sebastião comprehendeo, como unica, que então era toda a redondeza da cidade e suas circumvisinhanças; mas extendendo-se o povo á medida que as terras se cultivavão forão-se diminuindo os seus limites com as novas parochias por quem se repartio o territorio.

Com a summaria relação do primitivo templo fluminense offerecemos a nossos leitores na subsequente gravura uma copia deste religioso monumento, inaugurado ao Martyr Tutelar, protector da victoria, e alto triumpho sobre a poderosa aliança Gallo-Indigena de Uruçumirim, e Paranapecuy, que nas bellas aguas de Niteroy se erguem como eternos padrões de coragem, e gloriosa conquista.

Nós finalmente exaramos com a Lyra d'Ausonia os votos, que dirigimos ao celeste defensor da capital do imperio:

Si Palatinas videt œquus arces,
Rem que,
Alterum in lustrum, melius que semper
Proroget œvum (1)

Dignai-vos lançar benigno as vossas vistas sobre a Dyastia soberana, e sobre todo este imperio, multiplicando-lhes novos seculos progressivamente felizes.

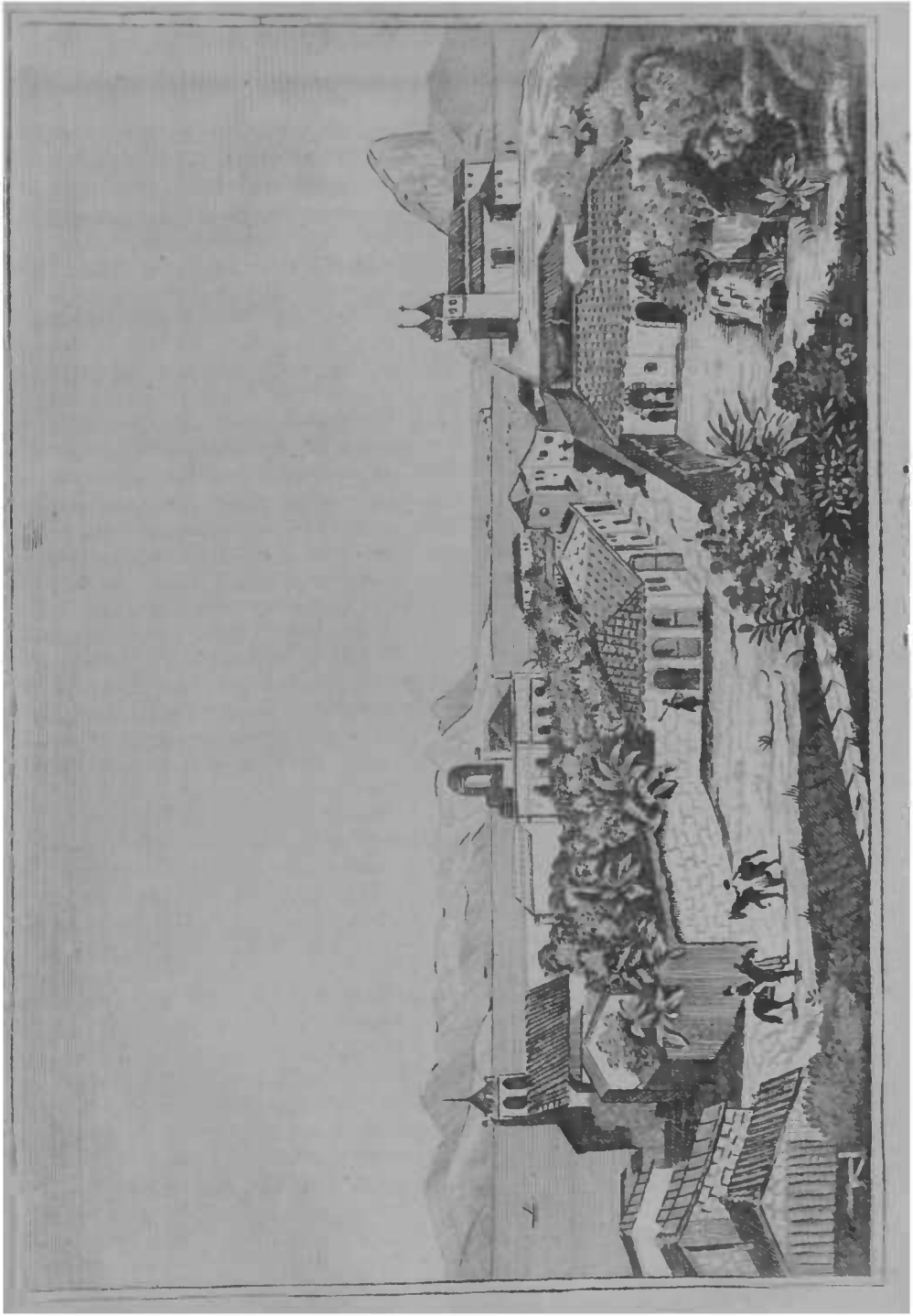
(1) Horat. Carm. Sæcul.

O MANEQUIM.

A residencia de Chesterton fioava n'humas dessas ruas estreitas que vão do Strand ao Tamisa. As janellas da sua camara olhavão para esse largo e magestoso rio, sobre cuja superficie se desenhavão em negras sombras os altos predios de *Southwark*, oppostos aos raios horizontaes do sol de novembro. A luz avermelhada, mal rompendo o espesso vapor que sahia d'agoa, penetrava hum pouco no aposento vasto, commodo, e abundantemente guarneecido de tintas, telas, utensilios de pintura, de desenhos, em hum palavra, da mobilia ordinaria de hum officina de pintor. Deitando os olhos para hum dos cantos da camara, não pude conter hum movimento de surpresa. Na obscuridade, hum figura humana, embuçada n'hum manto branco, parecia estender para mim os braços...

« Não vos assusteis, disse-me o meu amigo, rindo-se por me ver recuar hum passo, que he o manequim que esta manhã me servio de modelo da *Apparição na barraca de Bruto*. Mas a proposito, continuou elle dirigindo-se para a figura, e, tirando para o lado as roupas que lhe cobrião os membros, estou ufano com esta peça; porque, em parte, he devida a industria minha. Hum bom *manequim*, como o que vedes, he hum movel de custo. Bem sabeis que sempre tive certa propensão para a mechanica, e foi por isso que tive a lembrança de procurar hum de pouco custo. Dirigi-me a certo estudante de medicina, pedi-lhe hum esqueleto em bom estado, e recebi o que vedes. Onde e como o houve elle, he o de que me não importei. Ao que parece, foi por intermedio de algum *ressurreccionista* (*).

(*) Nome que, em Londres, se dá a hum bando de miseraveis que entrao de noite nos cemiterios para furtar os cadaveres, e vende-los aos estudantes de medicina.



IGREJA DE S SEBASTIAO

casta de gente com quem elle tem relações. Seja como fôr, he hum *sujeito* muito fresco, solido, e cuja osada parece não ter estado em contacto com a humidade da terra. Por meio de algumas molas e arames que passão pelas costas, cotovelos e joelhos, consegui pô-lo em movimento e tomar todas as attitudes necessarias, tão perfeitamente, se não muito melhor do que o podem fazer essas figuras que por ali vendem.

• Com alguma roupa do meu uso, cobri-lhe decentemente a nudez, como bem vêdes, e porque a caveira pellada me offerecia hum aspecto lugubre, lembrei-me de cobri-la com huma velha mascara e de pôr-lhe a cabelleira do defunto meu pai. O que, porém, me zanga, he o pescoço torto para a banda, como se o sujeito, quando lôra vivo, soffresse violenta torção nessa parte; não pude indireita-lo: para remediar este inconveniente, fiz o que pude, mas como era preciso quebrar as juntas, deixei-me disso •

Ao dizer estas palavras, tirou a mascara e a cabelleira ao esqueleto, e mostrou-me com effeito, huma caveira esbranquiçada, que, sahindo dos vestidos em que estavam envoltas as partes inferiores, com o queixo cahido, com os buracos dos olhos, parecia representar a morte em mascarada, espectáculo ao mesmo tempo engraçado e medonho, mas que, ferindo-me de repente e na obscuridade, não produziu em mim outro sentimento além do asco: por isso, devo dizer que foi com muito gosto que vi trazerem luzes e pôr-se a mesa. O meu amigo pôs no seu lugar a mascara e a cabelleira, arranjou a *toilette* do manequim, e puzemo-nos á mesa: conversámos muito e seriamente. Chesterton que durante a sua residencia de dous annos em Londres, estudara o mundo e os segredos da sua arte a fundo, communicou-me, sem reserva al-

guma, os resultados dos seus estudos. Examinou com attenção os meus esboços, indicou-me com candura e sagacidade suas bellezas e seus defeitos, deu-me muitos conselhos, e traçou-me hum plano de trabalho que observei com ardor e assiduidade por dous mezes consecutivos

Chéggou em fim, a occasião em que julgei poder apresentar-me de novo ao concurso para ser admittido na academia real, e, desta vez, o successo coroou meus esforços, porque fui recebido como alumno em attenção aos meus progressos. Hum moço, com quem varias vezes me encontrára em casa de Chesterton, obteve o mesmo favor. Reunimo-nos, pois, para festejar o novo triumpho com huma garrafa de vinho generoso. Passo em silencio os pormenores de huma patuscada a mais alegre que se pôde imaginar, bastando dizer que, depois de termos taramelado, cantado e bebido muito, além da garrafa ajustada, nos separámos, ás 11 horas da noite, nas immediações de *Temple-Bar*.

Estava a noite bella, e, achando-me no bairro de Chesterton, tive vontade de hir á sua casa e dar-lhe em pessoa a feliz noticia dos meus successos, persuadido que elle com isso muito se havia de alegrar. Disserão-me que tinha jantado fóra de casa, mas que não tardaria a chegar. Como então gozava de familiaridade com a dona do hotel, disse-lhe que iria espera-lo na sua camara. O carvão que ardia no fogão espalhava na camara huma claridade excellente: não quiz que accendessem vela, preferindo assentar-me junto do fogo. Entreti-me em contemplar as fórmas exquisitas que produzião nas paredes e no tecto as sombras das cadeiras, dos cavalletes e das estatuas de gesso que me rodeavão. O braço monstruoso de hum Hercules atravessava, em toda a sua extensão, o tecto para ir pegar

na perna de huma venus, que, por desmesuradamente comprida, parecia pertencer ao colosso de Rhodes, no entanto que hum boné, pertencente ao meu amigo, e que estava sobre hum cavalete, reproduzia se na parede opposta, do tamanho do capacete gigantesco no *Castello de Otranto*. A' medida que o fogo se ia apagando, e que a sua fraca luz não dava ás sombras mais que fórmas vagas e indeterminadas, fixei attentamente a vista no fogão, buscando essas phantasticas apparições, essas chimerioas figuras de homens de castellos, de arvores, de animaes que a imaginação se apraz em mostrar-nos nos arvões ineandecentes. Largo tempo estive assim contemplativo, até que em fim, depois de huma labareda passageira, qual meteóro, voltejou ligeiramente sobre a massa ardente, como se a cratera do voloão se houvesse repentinamente aberto, vi abaterem-se todas essas materias em oombustão ao abismo minado debaixo dellas, e desaparecer de subito minhas grutas, meus castellos, meus templos, minhas torres com todos os habitantes oom que as tinha povoado, e que se sumirão a huma oomo as sombras de hum sonho.

Tendo esta catastrophe rompido o curso das minhas observações, levantei-me e puz me à janella. Estava a noite clara, porém fria: algumas estrellas brilhavão no firmamento, e a lua ia-se escondendo por detraz de *Westminster*, cuja escura sombra apenas se distinguia ao occidente. O astro estava já muito perto do horizonte para que a sua luz pudesse eselareecer alguma parte da superficie da agua. A maré baixava, e as vagas se deslisavão negras e turbulentas por baixo das janellas. De vez em quando brilhava huma luz entre as sombras e lançava o seu reflexo sobre o rio. Allumiaua ella alguma industria honesta, prolongando pela noite os trabalhos mesquinhos do dia, ou os tra-

mas do crime e o deboche? Arderia junto de hum leito de dôres e de humente prestes a deixar este mundo, ou bem na camara modesta de hum estudante que corre atraz da fortuna e da gloria, nas suas vigalias litterarias? Quem o poderia dizer!

No entanto que attentamente observava esses fracos clarões e ouvia o carilhão de S. Martinho que tocava os tres quartos depois das onze horas, cuidei ver não sei o que, que descia o rio do meu lado: acreditei ser hum batel, porém nada distinguindo ao certo pela escuridade da noite, não pude observar o que elle trazia. Sômente, no instante em que o batel se poz ao tra vez da claridade que reflectia hum dos lampeões da margem opposta do rio, distingui huma figura em pé, tendo na mão hum remo: todavia, essa figura não parecia remar porém, deixar-se ir rio abaixo ao som d'agua. A' medida que a embarcação se approximava, observei que continha mais outras pessoas, e que todas fallavaõ em voz baixa: porém nada lhes pude ouvir. Em fim, o batel parou de baixo da janella, e o bateleiro, levantando a cabeça e mettendo os dedos na boca, deu hum assobio.

Seria huma illasaõ? por detraz de mim, na camara mesma, pareceu me ouvir repetir o mesmo sinal, porém, fracamente, como se aquelle que respondia não tivesse beiços para articular, nem musculo gutural para passar o som, o ruido que ouvi era como o do vento ao passar por huma janella meia aberta. Volteime immediatamente para o lado da camara donde elle partio: o fogo, ateado por novos alimentos, permittia-me distinguir sufficientemente os objectos: tudo estava profundamente tranquillo. No canto para onde dirigia os olhos, estava o *manequim*, vestido do mesmo modo immovel como huma estatua, na mesma posição em que o vira, com os

braços hum tanto levantados. Fiquei envergonhado da minha fraqueza, e tornei para a janella, porém não vi mais o batel.

Entretanto o aspecto da noite tinha mudado. A lua havia desaparecido, a atmosphera estava mais fria, e o vento deseia a cada instante pela chaminé. Cahindo-me alguns pingos de chuva sobre o rosto, e annunciando humna tempestade, fechei a janella. Fiquei então afflieto por me ver retido pelo mão tempo; porém, por outro lado, esperando que isso faria com que Chesterton voltasse mais cedo para casa, puxei a cadeira para junto da mesa, e quiz, no entanto, distrahir-me com alguma cousa. « Vamos ver se represento tambem alguma appareição: o momento he favoravel à inspiração. » Ao depois, tendo accendido as vélas, peguei n'hum lapis e n'humna folha de papel, tirei o *manequim* do seu canto, pu-lo na attitude que me convinha, e comeciei a desenhar. Tinha já dado os principios rizeos do meu desenho, quando o grande sino de S. Paulo tocou meia noite. A' primeira pancada pareceo-me ver agitar-se hum pouco a roupa do meu modelo; porém como continuava a entrar o vento pela chaminé, attribui esse movimento à corrente do ar. Mas avaliem a minha surpresa, quando, ao ultimo toque do sino, vi a figura dispir-se do manto branco, po-lo sobre hum paravento, tirar do cavalete o boné do meu amigo e com elle cobrir-se, e, ao depois saudando-me com toda a gravidade, como para desculpar-se de interromper o meu trabalho, dirigir-se vagarosamente para a porta e desaparecer!

Tendo deoocorrido bastante tempo depois deste acontecimento, mal poderei dar conta do effeito, que em mim produziu tão singular appareição. Todavia, se bem me recordo, o que experimentei foi antes admiração do que terror.

Meus olhos ficarão abertos, quando o individuo mysterioso se moveo e poz na cabeça o boné. Fiquei hum instante petrificado, quando atravessou a camara, e ouvi distinctamente as pancadas do coração ao peito. Porém, quer fosse por ter o vinho dado energia aos meus nervos, quer fosse por que a rapidez desta scena não me desse tempo a aterrorisar-me, não tardei em tornar a mim.

Logo que ouvi fechar-se a porta da rua, levantei-me. Um poder irresistivel fez-me seguir os passos do fantasma. Determinei ver onde pararia a sua viagem nocturna, e, pegando no meu chapeo, deseí as escadas, como hum raio.

Chegando á rua, pude ainda descobrir o fantasma que caminhava a trinta passos diante de mim: tudo estava solitario, e, não obstante, ia elle encostado ao longo das paredes, com toda a discrição de hum modesto peão. Segui sua marcha por meio da claridade passageira, que sobre o seu boné vermelho lançavão os lampiões, e de hums certos estálos que dava nos seus movimentos.

Dirigio-se para o norte, evitando as ruas mais frequentadas, e mettendo-se por hum labyrinth de becos escuros, com a dextresa de hum cocheiro de *fiacre*. Algumas vezes quem passava, ficava a olhar como admirado da extravagancia do seu vestuario, e quando voltamos o canto do mercado de *Covent-Garden*, hum *watchman* illudido pelos estalos dos seus membros, tocou a matraoa e poz-se a gritar *fogo! fogo!* Um homem da policia, vendo-lhe a mascara, deo-lhe humna bofetada no instante em que entravamos pelos bairro tenebroso de *Sept-Cadrans*: porém este homem deitou a correr, quando vio que o estrondo da pancada se assemelhava ao de hum pote, quando se quebra.

Entretanto continuava o fantasma o seu caminho, sempre por baixo das go-

teitas, deitando de vez em quando o Phadas de desconfiança sobre os que transitavam por essas ruas desconhecidas. Uma vez (e seria illusão ?) vi-o metter a mão na algibeira de hum sujeito, que estava parado no meio da calçada, e que talvez tivesse sahido de alguma casa de deboche: porém o fantasma, não encontrando nada, tirou logo a mão, abanou a cabeça em ar de despeito, e continuou a andar.

Era-me impossivel reconhecer em que districto de Londres nos achavamos, nem que direcção tomavamos, tão escura e tempestuosa estava a noite, tão inextricavel era o labyrintho de becos por que andavamos. Os lampiões se tinham apagado com a força do vento, ou com a chuva, à excepção de muito poucos mais bem conservados, que luzião de longe em longe. O que porém pude distinguir, foi que nos achavamos no meio das mais immundas eloacas de depravação. Muitas vezes, do fundo dos subterraneos, que ficavaõ por baixo das calçadas, ouvia-se o tumulto de ignobeis orgias, de cantigas obscenas, de terriveis juramentos feitos por homens e mulheres, de combates, de gemidos, de gritos de *misericordia!* *soccoro!* não poucas vezes, tambem achavamos o caminho impedido por alguma victima do vicio, que se arrastava para o seu escondrijo, ou decaçava a cabeça sobre huma pedra.

Não podia comprehender a conducta do meu guia: passando por hum desses subterraneos, onde se fazia tamanha algazarra, parou, olhou fixamente para a escada que ia dar ao profundo abismo, como se tivesse vontade de descer, e ao depois, como para obedecer a hum poder occulto, e superior, tal qual o da policia, arranjou suas ossadas, e continuou o seu caminho.

Bem depressa esses tristes sinaes da presença do homem, e dos seus vicios desapparecerão. As ruas parecião alargar-

se, e as casas cresoerem. Atravez das torrentes de chuva, pareceu-me vez aqui e ali quarteirões de casas, intervallos vastos, que annunciavão a aproximação do campo: a falta, porém, de lampiões não me permitia determinar em que districto me achasse. Por fim a bulha do vento nas ramagens de huma arvore que ficava sobre a calçada, me fez julgar que nos achavamos nos arrabaldes de Londres. O esqueleto dirigio-se para huma lanterna solitaria, hum pouco acima de nós, e parou. Outro tanto fiz eu.

Neste momento, não longe de mim, ouviu-se hum assobio agudo, identico ao que ouvira no rio. O fantasma estremeceu, olhou em derredor de si, e fazendo-me huma profunda cortezia, como para agradecer-me a companhia, de poz nas minhas mãos o boné, com hum gesto que exprenia a sua satisfação por lhe ter garantido a cabeça. O signal fez-se de novo ouvir, e o esqueleto, levando a mão ao ouvido esquerdo de hum modo significativo, como se estivesse indireitando a gravata, deu hum salto extraordinario, e samio-se!

Um golpe de vento do oeste veio a apagar a lanterna, e fiquei na mais completa escuridão, não sabendo para que lado me volvesse para regressar à casa. Fiquei condemnado a não sair de semelhante lugar, quando não quizesse quebrar a cabeça contra as paredes, ou cair de corpo e alma em algum desses subterraneos, que tinha ha pouco encontrado. Enfim por dita minha encherguei huma luz, que se avizinava... era o *wachtman*.

— Em nome do céo, lhe disse, indicai-me onde estou? em que bairro da cidade nos achamos?

— Como! replicou o homem, chegando-me a lanterna á cara, a fim de examinar se eu era algum ladrão; pois o sr. não vê que está na praça de *Tyburn*; e que esta pedra servio nou-

vo tempo de pedestal á força?

Naõ me recordo bem do que se seguiu: huma lembrança confusa me fez presumir depois que o estado de exaltação sobre natural, de que até allí estava possuido, cessou de repente, e me deixou sem sentidos. Quando tornei a mim, achei-me deitado na cama de Chesterton; os raios do sol começavaõ a penetrar na camara, e numa cadeira, junto ao fogo vi o meu amigo occupado em ler o *Morning Post* e mostrando alguma impaciencia por estar á espera do almoço. Esfreguei os olhos e assentei-me na cama. O primeiro objecto que reparci foi o bonè, posto como na vespera, em cima do cavallete; ao canto da camara estava o *minuquin* do mesmo modo, na mesma attitude, sem a menor alteração.

— Meu caro amigo, me disse Chesterton chegando-se para a cama, muito folgo de ver-vos restabelecido; provavelmente tomastes hontem huma furiosa bebedeira, por que, recoalhendo me muito tarde e ao entrar aqui achei-vos extendido no chãõ. Naõ devia mandar-vos para casa com o tempo que fazia e por isso deitei-vos nessa cama assim mesmo vestido, sem que desde entãõ abrisseis os olhos.

— Assim mesmo vestido! porèm a minha roupa hã de estar toda ensopada pela chuva que apanhei esta noite!

— Qual! replicou Chesterton como molhada! Sem duvida molhastes bem a guella, porèm a roupa nem por isso ficou meos secca.

Naõ foi sem grande repugnancia, que me decidi a contar a Chesterton a minha extraordinaria aventura da noite: mas como o via decidido a attribuir tudo a bebedeira, e, sentindo-me hum tanto picado por isso, julguei do meu dever pô-lo ao facto do occorrido. Elle surrio-se quando comecei a minha historia porèm pouco e pouco foi tomando o serio, e ouviu-me com attenção: e quando lhe descrevi a desappar-

ção do fantasma, e o lugar da scena, olhou para mim gravemente e em silencio „ E' cousa singular disse em fim. E' cousa muito singular! hontem jantei com o estudante que me deo este esqueleto: instigueio-o a que me declarasse onde o havia obtido, e por fim disse-me elle que era de hum facinoroso executado, havia alguns annos, em Tyburit; que estivera no gabinete anatomico do Hospital Grey; que o tinhaõ vendido com outros objectos; e que fôra deste modo que o houvera. Seja como for a coincidencia destes factos, com o vosso triste sonho, è de certo digna de nota „

Desde entãõ não foi sem grande emoção e medos, que olhei para o *minuquin* que me trazia á memoria taes lembranças, e me persuadeo que o meu amigo, sem o dar a entender, experimentava alguma cousa de analogo, porque tempos depois, notei a desaparicão do companheiro da minha viagem nocturna e nunca mais delle ouvi fallar.

oo

DESFORRA DE HUM MAGISTRADO

Certa senhora já idosa, muito feia, e cujas feições masculinas fazião crer que a tenção da natureza tinha sido, ao principio, formar hum homem encolerisou-se muito huma noite ao jogo contra hum magistrado cuja prohibido ella atacára fortemente: vendo este porèm que o seu toucado, mal seguro, cahia de hum lado para o outro, a cada movimento que ella fazia com a cabeça, lhe respondeu: Tome v. exc. cuidado não lhe caia o toucado; pois se assim acontecesse, toma-la-ia por hum homem, e entãõ tomaria a desforra pelas minhas proprias mãos das injurias com que me tem miusedado.

O bom despacho.

Chegou hum homem á corte de D. João II a requerer hum officio que vagara. Foi fallar a el-rei, o qual lhe disse que já o havia dado. O homem beijou-lhe a mão, dando-lhe muitos agradecimentos do que el-rei ficou tão maravilhado, que perguntou ao requerente se havia percebido bem o que lhe dissera: « Senhor sim » tornou o homem. Então el-rei lhe ordenou repetisse o que lhe ouvira: — « Disse-me V. M., respondeu elle, que já o havia dado. » — « E por que me dáis por isso os agradecimentos? » — « Por que me podéra V. M. remetter a algum ministro que me trouxera apoz si hum mez, no que gastára vinte cruzados que trago comigo. Foi por estes que beijei as mãos a V. M., por que delles me fez mercê. » — El-rei, ouvindo esta resposta, mandou-lhe dar o officio, e prover n'outro o que estava já despachado.

O FIDALGO TEM RAZÃO.

Um fidalgo francez, bonito, e bem feito. encontrou, andando de passeio, uma moça, cujas feições, apesar de plebeas, muito lhe agradáram; e sem mais cerimonia passou a fazer-lhe certas proposições, que foram mal acolhidas, e até regeitadas sem aquelle respeito devido á sua alta cathegoria. Contou s. exc. este caso a um de seus amigos, e como ainda estivesse todo enfadado com o não quero muito sêco, que recebêra, concluiu dizendo “ Vê, amigo, como ho-
,, je se educa a mocidade! Como se
,, lhe ensina a não respeitar o nase

,, cimento e a não attender ás clas-
,, ses privilegiadas! Antes da revo-
,, lução, uma moça teria em caso
,, semelhante quando pouco, res-
,, pondido: sr. duque eu não me-
,, reço a honra, que vós me quereis
,, fazer. ,,

*AVISO AOS ENFERMEIROS.**Rasgo de ingratidão de hum doente.*

Soubemos com sentimento diz a revista Hespanhola, que hum individuo, a quem as suas molestias tinham retido durante muitos dias no hospital da Conceição (em Madrid), vendo-se em liberdade na rua, lançou-se como hum furioso ao enfermeiro que tratára d'elle naquelle benéfico azilo, e o esbofeteou desalmadamente, pelos 42 clisteis, gritava elle alto e bom som que lhe tinha ministrado durante o longo periodo da sua molestia: asseguráo-nos com tudo que, queixando-se o caritativo enfermeiro de hum acontecimento tão inesperado, conseguiu que lhe augmentassem o seu ordenado com mais 10 reales mensaes, a fim de poder arrostar, d'ora em diante, outro algum lance da semelhante natureza, em premio de seus bons officios.

CHARADA.

Minha mai tem sete filhos
Entre os quaes um delles sou. }
De certo sou radiante, }
Sem ser propria a luz que dou. }
1
2

Qual o cysne sobre as ondas
Ando ás vezes enfunada;
Ronque o Sul troveje o norte,
Eis-me ja desarvorada.

A charada do n. antecedente é — Incapaz!

PEQUENO ESBOÇO OU MEMORIA SOBRE A CULTURA DA BAUNILHA NO BRASIL.

PELO DR. ANTONIO JOSE ALVES.

L'agriculture dans tout le Brésil est dans son enfance. Cependant c'est à elle que tôt ou tard le Brésil devra toute sa splendeur et tout sa force. Quelle plus puissante mine de richesses peut-on désirer que la prodigieuse fertilité de ce sol si favorisé. Ou tous les éléments nécessaires semblent concourir à l'envie à la reproduction !

Recemchegado da Europa, tocado da emulação que se ergue no coração de hum Brasileiro quando elle, observando o progresso admiravel que as artes e as sciencias tem feito nesses paizes classicos da civilização, recorda tantos elementos de riqueza publica que no seu paiz são malbaratados, seja nos permitido traçar breves linhas sobre um ponto de huma grande importancia para a agricultura do nosso paiz, e sobre o qual chamaríamos a attenção dos nossos lavradores, e mesino a do governo, se por ventura possessemos fallar assaz claro e alto para mostrar-lhes quanta utilidade e vantagens elle nos promette, se o salvarmos do esquecimento e despreso em que até hoje tem estado.

Desoonheoedor dos costumes e do estylo do préto, só procuraremos ser olaros; não dar como xisto aquillo que apenas soubermos por tradição, e nem afirmar huma palavra de cuja veracidade não estejamos profundamente convencidos. Se tivermos a fortuna de que as nossas idéas achem algum acolhimento e aproveitem a alguém, ficaremos sobejamente pagos com o só prazer de ter feito alguma cousa de util.

Parece-nos tão geral e solidamente reconhecido que a agricultura he a primeira base da riqueza do Brasil, que fôra perder tempo procurar demonstral-o. E isto de que estamos convencido, quer theorica quer pratioamente, o governo o tem manifestado, como o testemunhão ainda por ultimo os cuidados assíduos que lhe mereceu a cultura do chá. E se, persuadidos do interesse que nos podia dar huma planta estrangeira, não duvidamos fazer sacrificios para cultival-a no Brasil, certo não menospresaremos huma produção do nosso solo, que n'elle rebenta tão espontanea quanto vigorosamente. Queremos fallar da baunilha.

Antes porem de dizermos alguma cousa sobre a historia, cultura, preparação e commercio da baunilha, previniremos o leitor de que n'este artigo nos limitaremos a expor tão sómente aquillo que se nos antolhar de utilidade immediata, e concorrer para o fim que temos em vista, reservando para huma mais extensa memoria que pretendemos publicar na provincia da Bahia, se chegarmos a adquirir todas as informações e conhecimentos necessarios que ha 16 mezes procuramos, huma mais circunstanciada descripção.

O que é Baunilha?

Entende-se no commercio por baunilha hum fructo que, pelo seu agradável aroma, he empregado nas confeitarias, pastelarias, fabricas de chocolate e de perfumes, e mesmo na medicina.

Conhecida ha bastante tempo na Eúropa, não havia certeza de que a planta existisse na nossa abençoada terra, e ainda mesmo que vegetasse naturalmente tão vigorosa e robusta. Conhecia-se a baunilha do Perú, da Martinica, de Cayenna, S. Domingos, etc mas era sobretudo a do Mexico, de que esse paiz faz humra parte de sua riqueza, de exportação, a de que se tinha mais exacto conhecimento. Lamentamos não termos podido obter humra estatística da baunilha, que ao presente entra na França annualmente; mas se em 1807 tempo em que o seu uso era muitissimo menor do que hoje, e em que seu preço subia a 300 francos ou 111000 réis, pouco mais ou menos, importou esse paiz 24000 libras; e se atendermos igualmente ao grande consumo que d'ella se faz presentemente em Pariz e em Marselha, para as perfumarias, alem de varios outros empregos que dão-lhe, somos levados a crer que a centenas de arrobas monta o peso da que para ali annualmente entra. Nesta conta não figura a nossa, que, como dissemos, não é conhecida pelo menos em Pariz, segundo nol-o assegurou o celebre professor Richard, o qual nem mesmo tinha noticia de que ella nascesse no Brasil, regosijando-se assaz das excellentes amostras que lhe offerecemos da que nasce naturalmente na provincia de Sergipe (1).

A baunilha pois tem um consumo avultado, se admittimos como certo que a Inglaterra, a França, a Allemãha e outros paizes recebem não pequena porção, pois que, como levamos dito, os Mexicanos fazem d'ella um grande ramo de commercio.

Aqui naturalmente me perguntarão se podemos esperar um interesse que corresponda ao trabalho de crear essa nova lavoura, e disputar o commercio aos paizes que ha tanto tempo possuem. He certamente difficil affiançal-o *a priori*; mas com os dados que vamos fornecer, as pessoas que se interessarem por este objecto poderão julgar sobre o seu resultado provavel. Cumpre entretanto dizermos que estamos persuadidos de que nós podemos crear esse novo ramo de primeira importancia no quadro dos nossos productos agricolas, e que aquelles que encetarem uma tal carreira farão um verdadeiro bem ao seu paiz. E foi este o forte motivo que, vencendo nosso natural acanhamento, e fazendo-nos esquecer nossa insufficiencia estimulou-nos a escrever sobre tal ponto n'esta côrte, onde, vendo mais do que em nenhuma outra parte do Imperio, espirito empreheendedor e capitães que dormem sem emprego

1) Mr. Merat deu entretanto uma idéa da nossa baunilha, ainda que inexacta.

Temos um como presentimento de que os agricultores que estiverem em estado de fazer alguns ensaios não desprezarão um objecto tão importante, tendo sobretudo tão perto a provincia de Minas-Geraes, d'onde podem tirar as sementes, para o que em nossa memoria daremos alguns esclarecimentos.

Antes porém de tentarmos essa nova lavoura, importa que tenhamos resolvido as seguintes questões.

1. O clima do Brazil he proprio para a planta ?
2. Existe ella no paiz ?
3. Sabemos cultivar-a ?
4. Sabemos preparar-a ?
5. Emfim, corresponde o interesse ao trabalho e despeza ?

Procuramos dar sobre cada um destes pontos aquillo que tivermos como certo, e como provavel o que assim reputarmos.

O clima é proprio para a planta ?

Póde-se affiançar pela observação que sim; pois que a baunilha nasce no nosso solo plantada apenas pela mão da natureza; ali vegeta, floresce e fructifica, sem que a mão do homem lhe subministre o menor socorro. Temos apenas visto a baunilha nas provincias de Minas Geraes e de Sergipe; mas tem-se-nos assegurado que ella existe no interior da Bahia, em Alagoas e no Pará, d'onde temos mesmo ouvido dizer alguma exportação se faz. No nosso paiz, em que he tão difficil colher o menor esclarecimento baseado sobre documentos positivos, seremos obrigados a referir-nos algumas vezes a informações particulares, ás quaes entretanto não ligaremos huma orença illimitada.

Como quer que seja, temos por certo que o solo de Sergipe, que está sobre o littoral, e a 8 grãos de latitude, sul; bem como o de Minas no interior do continente, e a mais de 20 grãos da mesma latitude, produzem naturalmente a baunilha. Se, de mais, considerarmos que ella não medra senão debaixo do calor dos climas quentes, e que nos climas frios é ella apenas conservada em estufas aquecidas, como observamos no do jardim das plantas em Pariz, no jardim botânico de Liège, e no da academia medica de Leyde, podemos assegurar que o Brasil, que aliás reúne diferentes climas no seu vasto territorio, é proprio para a cultura da baunilha. Convem entretanto notar que de entre as que vimos, nenhuma fructificava senão a de Liège, pela razão de que nas estufas não entrando o sopro dos ventos, o horticultor, na epoca em que as antheras se abrem, é obrigado a cortar as flores masculinas para as ir agitar sobre as que virão a dar o fructo, afim de fecundal-as o que de feito consegue, pois que vimos humas 12 ou 20 bagens ou fructos das que estavam nas estufas do mesmo jardim, e de elle mostrava com orgulho ao estrangeiro viajante, não esque-

oendo de accrescentar logo que erão os unicos pés que existião na Europa e que alu frutificavaõ não sendo aliã verdadeira se não esta segunda asserção ; pois que , como ja dissemos , nós os vimos na Hollanda e em Pariz , e o mesmo assevera Mr. Fernier nos seus guias do viajante na Belgioa e Hollanda

Assim pois , o clima frio não è proprio para a baunilha ; è o clima quente que convem-lhe Se a isto ajuntarmos que sendo a primeira qualidade para a boa baunilha o aroma , e que è sob o calor do sol intertropical que nascem as plantas mais aromáticas , como as que fazem parte da familia dos louros ou laurineas , entrando nesse numero o cravo da India , o louro , a canella , etc. , que todos dão bem no nosso paiz , não desconheoeremos que a planta de que tratamos deve vegetar perfeitamente no nosso solo

Existe no Brasil a baunilha ?

Temos respondido a esta questãõ no artigo proecedente. Entretanto , para que as pessoas que tiverem do occupar-se deste importantissimo objecto reconheçaõ a planta que procuraõ , diremos aqui duas palavras , sobre os pés que vimos na França ; Belgioa e Hollanda , porque desgraçadamente nos falleo huma exacta descripção da nossa , limitando-se o conheimento que della temos unicamente ao fructo , parte aliã essenioial para o nosso fim .

Da altura de dous metros , ou seis pes , ellas tomavão , bem que plantadas no limitado terreno de hum caixão , hum vigoroso desenvolvimento Esta circunstanca , sem duvida bastante favoravel á nossa planta , depende da estrutura de suas folhas , que sendo espessas são muito activas para a nutrição . Como a maior parte das plantas que tem huma haste fraca , necessitando de hum apoio para desenvolver se e sustentar-se , ella procura os troncos das arvores visinhas , nas quaes enrola-se , e vai expandir suas flores , e amadureoer seus fructos a huma certa altura acima do solo . Estas plantas , que os botanicos chamão trepadeiras sao differentes das parasitas ; porque estas não somente trepãõ pelas arvores , como dellas tiraõ sua nutrição , o que seria de não pequena difficuldade para a sua lavoura , o que felizmente não acontece com a verdadeira baunilha . A baunilha necessita apenas de hum sustentaculo ou apoio , e n'huma plantaçoõ regular , em vez do tronco da arvore que encontra nos bosques ou nas estufas , ella se poderã enrolar sobre varas , como as nossas faveiras , ou em latadas ou earamanchões como as nossas parreiras

Assim a baunilha , não sendo huma planta parasita , mas somente trepadeira , não tem necessidade de arvores para a sua cultura .

De sua haste , que è nodosa , descem certos fios ou appendices , que , huma vez plantado o nõ , transformão-se em raizes . As folhas são luzidas na face superior ou exhalante ; sua forma

lancoolar, começando e terminando em ponta e seus bordos não tem alguma especie de recorte. Quizeramos poder fazer huma descripção das flores; mas, tendo apenas visto a planta na época em que ellas já tinham passado, e em que só existião os fructos, força é que nada aventuremos a tal respeito, visto que não desojamos servir-nos de escriptos que nos não parecem assás authenticos, guiando-nos por nosso unico e fraco testemunho nas pequenas considerações que fazemos (1). O fructo è longo; contem numerosas sementes quasi microscopicas, dispostas sobre tres pequenas columnas ou trophospermes de huma consistente polpa onde nos parece tambem repousa o principio aromatico de nossa preciosa planta. Seu pericarpo, ou parte do fructo que encerra essa infinidade de pequenos grãos ou sementes de que fallamos è secco e è a parte mais importante da planta.

Quando se examina hum fructo secco da baunilha do Mexico, como o fazemos neste momento, acha-se que elle tem 10 a 12 pollegadas de comprimento, e 3 a 5 linhas no seu maior diametro.

Vê-se mais que não é aberto, isto è, que não chegou a a madurecer a ponto de partir-se. Insistiremos sobre este ponto, porque, como veremos para ao diante, è esta huma circumstancia que pode muito facilitar o commercio da nossa baunilha. Cortado pelo meio, acha-se que o pericarpo ou parte exterior tem apenas a espessura de huma linha que envolve huma infinidade de sementes pretas. O aroma é assás agradável, e muitas pessoas são de parecer que è o mais suave e delicado perfume que produz o reino vegetal. Alem disso, examinando-se huma porção dos fructos seccoos da baunilha, nota-se que finos ehrystaes em forma de agulhas e de huma côr argentina se achão encrustados pelo exterior do fructo. Esses ehrystaes são o principio aromatico do mesmo fructo.

Tal è a descripção imperfeita que podemos dar da baunilha, isto è, da planta observada nas estufas da Europa e do exame do fructo que vem do Mexico. Agora passaremos somente a desorever o fructo da baunilha de Minas Geraes, que nos foi fornecido pelo sr. Ahrae, estudante de medecina na Belgica, e da de Sergipe. tal qual podemos obter, fornecida pelo nosso amigo o Sr. Jose de Goes Barreto, engenheiro civil pela escola central de Paris.

Baunilha de Minas e de Sergipe.

A baunilha de Minas tem hum comprimento maior do que a do Mexico; seu diametro è triplo e mesmo quadruplo do daquela. Os mesmos orystaes argentinos oobrem-na; mes apresenta huma

[1] Pode-se consultar entretanto o artigo Vanille, escripto por Mezat, no Dict. des Sciences Médicales:

grande differença, que è ser aberta, o que permite que se lhe veja as sementes sem que, como fomos obrigados a praticar com a do Mexico, seja preciso parti-la ao meio. Ella è dehiscente; isto è, abre-se quando bem madura; tem hum pericarpo igualmente quadruplo, e hum succo aromatico que banha-lhe a superficie. Os fructos são de huma côr mais escura, e hum bello aspecto, e, de hum cheiro sobremaneira agradável

Assim, a baunilha de Minas tem não pequenas vantagens sobre a do Mexico.

As bagens da baunilha de Sergipe, alem de huma grandeza mais notavel do que as do Mexico, tem tambem hum pericarpo ou casca muito mais espessa; e tão vantajosas são todas as suas outras dimensões que em Pariz chamavão-na *vanillon* ou baunilha. Isto porem não faça suppor que a nossa baunilha não è a verdadeira. A falta do costume de vê-la tão gigantesca fazia-lhes estranhar como depois veremos. Ella è de mais aberta em duas valvas ou gommos, e apesar de que tivessem a infeliz idea de enviar-nos essa baunilha envolvida em assucar para Pariz, julgando que esse sal a conservasse melhor, ainda se podião ver feixes de brilhantes chrystaes que se interpunhaõ entre huma e outra bagem, e que espalhavaõ hum aroma impagavel

Faremos hum pequeno quadro comparativo das dimensões das tres especies de baunilha, e veremos que a vantagem è immensa, debaixo desse ponto de vista, em favor da nossa importante planta.

Baunilhas.

Comprimento . . .	{	Do Mexico,	10 a 12	pollegadas
		De Minas Geraes,	10 a 13	"
		De Sergipe,	12 a 14	"
Maior Diametro . . .	{	Do Mexico,	2 a 4	linhas
		De Minas,	4 a 6	"
		De Sergipe,	6 a 12	"
Maior espessura da casca ou pericarpo	{	Do Mexico,	1/2 a 1	linhas
		De Minas,	2 a 3	"
		De Sergipe,	4 a 5	"

Por este pequeno quadro approximativo nós vemos as vantagens da nossa baunilha sobre a estrangeira; entretanto nos não devemos fiar de mais nestas sãs vantagens, que poderião aliás vir de par com qualidades nocivas. Felizmente porem não conhecemos qualidade alguma pela qual a nossa baunilha seja depreciada senão as que depois indicaremos. O cheiro da nossa baunilha, se não é melhor do que a do Mexico, è pelo menos tão agradável e mais a;

oivo Quanto á de Sergipe, seu cheiro è estriamente intenso, a ponto de nos ter sido necessario empregar huma porçãõ muito mais diminuta nos pequenos experimentos que fizemos em Pariz. Alem disto, hum fraco aroma terebentaoio tornava o mais forte, o que é hum inconveniente, mas não de grande importancia.

Sabemos nós cultiva-la ?

Naõ tendo-se feito ainda no Brasil, que nos conste, planta-ção alguma regular de baunilha, e apenas cõlhendo-se alguns fructos que a vorãcidade de diferentes animaes, e sobretudo a dos macacos, deixa escapar e chegar a maturidade. não podemos dizer que sabemos cultiva-la.

Mas serã difficil a plantação da baunilha ? E' esta huma ques-taõ sobre que não pôdemos dar hum voto seguro, e que tenha por si a sancção da experiencia; entretanto, não obstante ter ja algum naturalista sentenciado a baunilha a huma vida sempre selva-gem, algumas razões temos que nos induzem a crer que é pos-sivel huma plantação regular dessa preciosa planta. Com effeito a baunilha tem a sua haste nodosa, e cada nó dá, como na nossa canna de assucar, hum novo pe ou individuo desde o momento que, cortado, nós o plantamos n'hum pouco de terra humida.

Quanto ás sementes da baunilha, parece-nos provavel não se-rem ellas o embriaõ que reproduzem nos bosques novas plantas, mas sim os taes filamentos (raizes *aéreas* ou *adventicias*) de que acima fallámos, e que descem dos diferentes nós da haste, e se tornãõ em raizes desde o momento que tocaõ a terra, constitu-indo por essa forma huma continnação do primeiro individuo, se não outro differente, pois que, se cortarmos a haste entre os dous nós duas novas plantas continuaraõ a viver independentes.

Sendo pois tao facil plantar por estaca, isto é, cortando a haste em tantos pedaços quantos forem os seus nós, e enterran-do os á maneira do que praticamos com a mesma canna de assucar e com a mandioca, julgamos que, ainda mesmo quando as se-mentes reproduzissem, não seria este o meio preferivel para plan-tar a baunilha.

Conhecemos nós o terreno que melhor convem á baunilha ?

Eis o que a natureza, e a experiencia nos devem ensinar. Cumpre pois não somente observar onde nasce a baunilha natural-mente, mas fazer differentes ensaios plantando a quer n'hum terre-no arenoso, n'hum argiloso, quer n'hum mais ou menos calcareo, quer nos terrenos pretos ou muito estucados e quer en-fim n'ou-tros mais pobres de humus ou estrume. O que poreo podemos as-segurar é que a baunilha de Sergipe que dá tão gigantesca e bel-

la, floresce nos terrenos arenosos ou siliosos, e nos terrenos pedregentos.

Entretanto o celebre barão de Humboldt diz que ella nasce naturalmente sobre os rochedos e antigos muros, e sempre nos lugares obscuros; mas não sabemos que alguém tivesse escripto sobre huma plantação regular. Pensamos com alguma razão que esses lugares não lhe são indispensaveis, e o mesmo a respeito da sombra, de cuja necessidade inquietamo-nos mais, sem julgarla invencivel. De facto pensamos que seria bem aventurado que, nas fazendas onde ja houvesse huma plantação adiantada de café se poderia tentar a da baunilha, se por ventura ella se negasse a vegetar ao sol, o que parece-nos pouco provavel. Os pomares frondosos poderiaõ melhor ainda abriga-la do mesmo sol. Sentimos, pelo tamanho deste nosso esboço, não poder entrar em maiores desenvolvimentos a tal respeito, como desejamos e preteridemos fazer.

Naõ podendo entretanto avançar se em outro territorio ella dará melhor, por falta de experiencias que ate aqui nos não tem ainda sido possivel fazer, tão recente que somos chegados, não duvidamos todavia aventurar que não é a baunilha huma planta difficil de contentar relativamente ao terreno, nem que exija tratos á arte de estercoar. Como todas as plantas cuja nutrição se faz em grande parte á custa do ar, isto é pelas folhas, a baunilha deixa representar hum papel secundario as suas raizes. O limitado terreno dos caixões que estavam nas estufas de Leyde nos convenceria disso, quando pela theoria o não soubessemos.

Quanto acabamos de dizer relativamente á cultura da planta, não é o menos difficil por certo na nossa empresa: mas não é bastante para contentar-nos.

Sabemos nós colher e preparar o fructo, ou o que é verdadeiramente a baunilha, debaixo das vistas do interesse agricola e commercial? Eis huma não pequena questão a que devemos responder.

Se podessemos obter a nossa, no estado da baunilha do Mexico, tinhamos completamente resolvido a questão; mas a baunilha do Brasil é aberta, e a do Mexico tem os fructos inteiros. Desejando saber de que dependia essa differença, perguntamo-nos se, depois de aberta a baunilha do Mexico, os cultivadores não a fechavão, enrolando-a de novo. Cortando a baunilha pelo meio podemos convencer nos que não. Donde pois essa differença? isto que parecerá facil quando o tivermos dito apresentou-nos alguma difficuldade, que tanto mais nos embaraçava e vexava quanto era essa a objecção que em Pariz fazião-nos para a compra da que nos havia chegado de Sergipe. De facto a baunilha aberta não é tão facilmente empregada por mais de hum momento.

(Continúa.)